

Editorial

Datas fechadas sempre são atraentes, pois parecem fechar ciclos. Em 2000, o Brasil celebrou os 500 anos do descobrimento; no ano que vem, serão lembrados os 200 anos da chegada da corte portuguesa ao país. Esses marcos não apenas sinalizam a ocorrência de eventos históricos, mas também nos convidam a refletir sobre a passagem do tempo e as heranças deixadas pelos que constroem a história.

Para a área da Educação, funciona da mesma forma. Datas como os 400 anos de nascimento de Comenius, em 1992, ou o centenário de Piaget ou Vygostky, em 1996, foram bastante lembrados, rendendo eventos, publicações, revisões teóricas e a própria reflexão dos legados desses importantes autores. O ano de 2007 permite que façamos, ao menos, dois exercícios semelhantes, rememorando os dez anos da morte de Paulo Freire e os vinte, de Lawrence Kohlberg.

Tendo em vista esses marcos, a **Contrapontos** reservou para a última edição de 2007 um número que concentrasse artigos enfocando as obras desses já reverenciados nomes da Educação. É evidente que existe muito de arbitrário e subjetivo nessas datas fechadas. Essencialmente, elas não são especiais, já que não existe muita diferença entre o período de dez ou onze anos do desaparecimento de um autor, por exemplo. Entretanto, o valor que conferimos às datas fechadas pode, no mínimo, servir de pretexto para reavaliarmos percursos e projetarmos novas tendências de pesquisa e prática profissional.

Passados vinte anos da morte de Lawrence Kohlberg, nos é recolocado o desafio de dimensionarmos os avanços nas teorias de desenvolvimento moral. Mas não só. Pode-se cotejar o seu pensamento com o de seus contemporâneos ou sucessores; ou ainda exercer uma crítica (sempre bem vinda) ao direcionamento das pesquisas desde então. Se estivesse vivo, Kohlberg estaria com 80 anos, e muito provavelmente já teria se aposentado, deixando seu gabinete na Graduate School of Education da Universidade de Harvard. É muito possível também que teria avançado em sua teoria dos estágios de desenvolvimento moral, propondo novas aplicações práticas de seus conceitos. No Brasil, as idéias de Kohlberg não foram tão disseminadas quanto em outros países, mas sua influência se observa ainda com bastante nitidez na Educação e notadamente na Psicologia.

Também assunto desta edição da **Contrapontos**, a primeira década sem Paulo Freire mostra a cada dia a força do seu pensamento e os caminhos práticos propostos pelo educador pernambucano. O mais proeminente pedagogo brasileiro rodou o mundo alfabetizando gerações e chacoalhando as estruturas do pensamento educacional, sinalizando novas formas de atuação, novas maneiras de constituição dos sujeitos dessa relação (professores e alunos), e outras referências éticas. Seu nome ainda é invocado nas salas de aula, nas salas de professores, em eventos científicos e nas páginas de livros e artigos. Muitas de suas idéias ainda demonstram frescor e validade, condição que já mereceria a atenção de uma publicação voltada para a área.

Ao escalarmos Kohlberg e Freire como os protagonistas deste número da **Contrapontos**, não objetivamos prestar homenagens póstumas a esses relevantes homens da educação. Nossa intenção é mais restrita: provocar diálogos em torno de suas obras e histórias. Freire e Kohlberg são rios que correm suas próprias trajetórias, cada qual ocupa lugar distinto na história recente da educação. Em pelo menos um ponto eles se cruzam nesta **Contrapontos**: na sua ausência.

O número que o leitor tem em mãos estimula o debate sobre esses autores tendo os seus desaparecimentos como ponto de partida. Lembramos e meditamos sobre o que deles ficou. Como se suas ausências pudessem falar nas páginas a seguir.

Os diálogos desta edição começam com Ghiggi e Cunha, que retomam reflexões de Paulo Freire para repensar as práticas educacionais populares. Os autores reconhecem, desde o início, que partem de um princípio: o autor em questão não só oferece conceitos adequados e categorias suficientes para se refletir sobre a Educação Popular, como também inspira “pensar, a partir da escola, a realidade vivida pelos sujeitos que a freqüentam”.

Ainda sobre a vertente da Educação Popular, Moreira e Santos destacam da obra de Freire o conceito de “empoderamento comunitário”, propondo um retorno à Pedagogia do Oprimido, reforçando o aspecto libertador da educação em detrimento de ações paternalistas, verticalizadas, práticas que contrariam o pensamento e o exemplo freireanos.

Corrêa e Moretti também reforçam o rigor analítico, concentrando-se numa pertinente discussão sobre a educação matemática crítica à luz da concepção

freireana que problematiza a educação. Autores como D’Ambrósio e Skovsmose são convocados para dialogar com o educador recifenho.

Aliás, a partir daqui, os encontros (às vezes, confrontos) teóricos passam a ditar o ritmo e as cores nas páginas desta edição. Melo traslada Vygostky para tratar de alfabetização de jovens e adultos; Mesquida observa nas idéias de Ivan Illich semelhanças e dessemelhanças no que tange a “desescolarização” como crítica ao sistema capitalista e desmontagem de um esquema de dominação social; Dantas junta Freire e outro nome de peso na educação nacional, Anísio Teixeira.

Para ser coerente com Freire, este volume não fica apenas no campo teórico e se desloca para a prática também. Behrens, Torres e Mattos relatam suas experiências com a formação de professores para a utilização crítica da tecnologia em ambiente online.

Outros três artigos fecham o eixo temático desta edição, todos dedicados a Kohlberg. De maneira clara e didática, Lyra faz uma rápida revisão teórica da Teoria do Desenvolvimento Moral do autor, pontuando seus principais estágios e diferenciando esse modelo do originado em Piaget. Amorim Neto e Rosito traçam uma ponte sinuosa entre Kohlberg, Dussel e Freire por meio da categoria de “vulnerabilidade”. Segundo advogam, este conceito guarda estreita ligação com o princípio de autonomia: “eixo fundamental para a reflexão da dimensão da ética na intervenção educativa no contexto da globalização”. Villela e Raitz lançam mão dos estados morais, descritos por Kohlberg, para pensarem aspectos e condições relacionados ao desenvolvimento da consciência democrática.

Nas Reflexões Acadêmicas, Ferreira discute a relação que as crianças mantêm com a mídia, considerando sua participação como receptoras críticas e não-passivas. Ainda tratando de infância, Steil e André - na Seção do Professor - discutem a dimensão do brincar e da ludicidade, umbilicalmente associadas às crianças e ao seu desenvolvimento. Fecha a edição com uma longa e prazerosa entrevista da esposa de Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire.

Boa leitura e até 2008!

Comissão Editorial

contrapontos@univali.br